6

DRAWBACK PARA O CAFÉ SOLÚVEL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE MERCADO

DRAWBACK FOR BRAZILIAN SOLUBLE COFFEE: AN ECONOMIC ANALYSIS

Maria Sylvia Macchione Saes
Professora da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.
Avenida Luciano Gualberto, 908, Cidade Universitária, São Paulo, SP, CEP 05508-010
E-mail: ssaes@usp.br

Marislei Nishijima
Professora da Fundação Getulio Vargas de São Paulo.
Rua Itapeva, 475, São Paulo, SP, CEP 01332-000
E-mail: marislein@gmail.com

Resumo

Este artigo discute os condicionantes da atual inserção do café solúvel brasileiro no mercado internacional, bem como a sua evolução recente. O Brasil tem reduzido sua participação relativa nesse mercado considerado competitivo. Levando em conta as características do mercado internacional e o comportamento de seus concorrentes, avalia a possibilidade de uso de ***drawback*** para o setor como forma de garantir condições de igualdade de operação. Os resultados das análises teórica e empírica sugerem que momentos de gargalos na produção do café verde, principal insumo do café solúvel, com conseqüente aumento de seu preço interno, afetam negativamente a demanda externa pelo café solúvel brasileiro. Além disso, sugerem que a perda temporária de alguns mercados de países tradicionais compradores tende a ser definitiva.

Palavras-chave: Café solúvel; *Drawback*; Café verde; Preços; Exportações.

Abstract

This article presents and discusses the current conditionings of Brazilian soluble coffee insertion in the international market; as well it's recent evolution. Brazil has been reducing its relative participation in this competitive market. Considering the characteristics of this international market and the behavior of the competitors, the article analyzes the possibility the country uses the drawback mechanism to set equal conditions of operation in the international market. The theoretical and empirical results suggest that domestic problems in the production of green coffee, the main input of soluble coffee, affects negatively the international demand for Brazilian soluble coffee. Furthermore, they suggest that some of the temporary loss of traditional consumers turn into definitively losses.

Keywords: Soluble coffee; Drawback; Green coffee; Prices; Export.

1 INTRODUÇÃO

A indústria brasileira de café solúvel, que representa parcela significativa das exportações do país, apesar de ter se mostrado adaptada ao ambiente competitivo do mercado internacional, muitas vezes encontra dificuldades para manter tal posição. A quantidade exportada de café solúvel no mundo tem aumentado sensivelmente nos últimos anos, mas o Brasil, embora tenha aumentado suas exportações, tem reduzido sua participação relativa no mercado mundial (NISHIJIMA; SAES, 2006).

Após 1995, o preço internacional do café solúvel apresentou tendência de queda e o seu custo marginal de produção – ou seja, o preço do seu principal insumo[1], o café verde tipo conillon[2] ou robusta – também vem apresentando uma tendência de queda no mercado mundial, principalmente como decorrência da entrada do Vietnã nesse mercado. O Brasil, embora seja muito competitivo no mercado mundial de café verde robusta, enfrenta situações em que o diferencial de preços deste bem em relação ao café verde negociado no mercado internacional fica positivo. Esse resultado, muitas vezes, inviabiliza a exportação de café solúvel com preços competitivos nesses períodos.

Pelo lado do custo de produção do café solúvel, pode-se citar o diferencial de preços do café verde nacional e do negociado no mercado internacional, ocasionado pela concorrência do mercado, como desfavorável para o Brasil. Embora o preço desse insumo praticado no mercado interno venha se mostrando sistematicamente mais baixo nos últimos anos, algumas vezes ocorrem gargalos com a inversão dessa tendência, como ocorreu, por exemplo, em 1997. Pelo lado da restrição da oferta de café verde no mercado nacional, pode-se dizer que em momentos de escassez do produto nesse mercado, decorrente de problemas climáticos, o diferencial de preços do café insumo se amplia significativamente. Para o Brasil, a possibilidade de importação do café insumo, nessas ocasiões, torna-se impraticável tanto por problemas de barrei-

1 No Brasil, o café conillon é o café insumo predominantemente usado na produção de café solúvel. O café arábica também é utilizado, mas em menor escala.

2 As espécies de importância econômica são o ***Coffea arabica*** e o ***Coffea Cannephora*** (conhecida como robusta). O arábica é cultivado principalmente nas Américas do Sul e Central, Quênia e Tanzânia, na África. O robusta é cultivado no Vietnã, no Brasil, na Indonésia, na Costa do Marfim e em vários outros países da África, Ásia e Oceania. O Brasil é um dos poucos países que produzem as duas espécies: o arábica e o robusta, aqui denominado conillon. A primeira é característica dos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná. A segunda é plantada principalmente no Estado do Espírito Santo.

ras não tarifárias como pelo custo de uma estrutura tributária que opera com impostos em cascata, além de questões cambiais. Desse modo, as empresas de café solúvel que produzem fora do país e que são capazes de comprar o café verde ao preço negociado no mercado internacional acabam sendo beneficiadas em relação às condições de acesso, preço e quantidade das empresas que operam internamente.

Assim, este trabalho analisa se o uso do ***drawback*** para a indústria brasileira de café solúvel pode gerar condições de igualdade de competição ante as empresas concorrentes internacionais, conforme estudos setoriais recentes (cf. ZYLBERSZTAJN et al., 1993); SAES; FARINA, 1999; SAES; NAKAZONE, 2002). Tais estudos têm apontado a crescente necessidade de implementação e utilização de mecanismos capazes de assegurar condições de competitividade ao setor. Além disso, buscam mostrar suas implicações sobre o sistema agroindustrial brasileiro de café.

Além desta introdução, o trabalho está dividido em cinco partes. A primeira discute as características da estrutura da indústria de café solúvel brasileira e os determinantes de sua competitividade. A segunda apresenta o conceito de ***drawback*** e aborda questões sobre o mercado internacional de café verde, o insumo básico do café solúvel. A terceira parte discute a conformação do mercado mundial de café solúvel e suas tendências. Na quarta seção, são apresentados os resultados de um estudo empírico realizado para verificar se a demanda pelo café solúvel brasileiro varia em acordo com seus custos de produção. Na quinta e última parte, indicam-se as conclusões do trabalho.

2
A INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CAFÉ SOLÚVEL E SUA EVOLUÇÃO RECENTE

A indústria de café solúvel brasileira foi implantada nos anos 1960, inicialmente com algumas isenções de impostos de importações sobre máquinas e equipamentos que foram posteriormente eliminadas, com o objetivo de reduzir os altos custos dos estoques de café verde que não alcançavam a classificação do Instituto Brasileiro do Café (IBC) para atender à demanda externa. Os chamados ***grinders*** eram grãos quebrados ou pequenos e compunham sete milhões de sacas, o que correspondia a mais de 25% da produção anual do país àquela data. Além de reduzir os custos de manutenção dos estoques

de produtos que não podiam ser comercializados em sua forma original, a industrialização desses cafés gerou oportunidades para a conquista de novos mercados externos (SAES, 1997, p. 154).

O café solúvel exige um significativo aporte de recursos financeiros inicial para a instalação de sua planta, o que condiciona uma estrutura industrial complexa do ponto de vista organizacional e tecnológico.

Atualmente seis empresas no Brasil respondem por mais de 90% das exportações, e as três maiores foram responsáveis por mais de 73% das exportações totais de café em 2003 (ver Tabela 1). O índice de Herfindahl-Hirshmam[3] calculado para 2003 foi de 2.120, indicando que a indústria é altamente concentrada.

Tabela 1

Participação das principais empresas de café solúvel nas exportações (sacas de 60 kg)

Empresas	2000	%	2001	%	2002	%	2003	%
1	717.573	32,76	813.337	32,62	782.793	30,74	892.715	31,35
2	424.355	19,37	571.796	22,93	644.692	25,32	678.967	23,84
3*	368.586	16,83	335.629	13,46	71.892	2,82	0,00*	0,00*
4	258.293	11,79	244.496	9,81	201.543	7,91	266.696	9,37
5	183.362	8,37	206.426	8,28	196.673	7,72	237.489	8,34
6*	94.738	4,33	101.878	4,09	401.131	15,75	520.275	18,27
Subtotal	2.046.907	93,45	2.273.562	91,18	2.298.724	90,27	2.596.142	91,17
Total	2.190.325	100,00	2.493.357	100,00	2.546.536	100,00	2.847.625	100,00

Fonte: Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (Abics).

* Os resultados dessas duas empresas foram unificados em 2003.

3 O índice de Herfindahl-Hirschman é calculado com base na soma dos quadrados da participação de cada firma em relação ao tamanho total da indústria e leva em conta todas as firmas da indústria. É considerada desconcentrada a indústria com índice até 1.000, moderadamente concentradas as que vão de 1.000 até 1.800 e extremamente concentradas as que têm índice acima de 1.800.

Apesar do número restrito de empresas no setor, não há sinais de coalizão tácita na formação do preço. Ao contrário, considerando que essas empresas atuam majoritariamente no mercado internacional – uma vez que o consumo de café solúvel interno é ainda pouco significativo quando comparado com os países grandes consumidores (ver Tabela 3A no Anexo) –, elas acabam por se defrontar com um mercado bastante competitivo, o mercado internacional, no qual o preço é o principal determinante[4]. Conforme será visto, o preço do café solúvel no mercado internacional apresentou tendência de queda a partir de 1995, fenômeno que veio acompanhado de aumento do volume de exportações mundiais desse bem. Vale observar que a inserção do café solúvel brasileiro no mercado externo se fez via indústrias já estabelecidas, pertencentes a grandes grupos de produtos alimentícios.

A indústria brasileira de café solúvel se tornou muito competitiva no mercado internacional desde sua implantação. O Brasil é o maior exportador mundial desse produto (ver Tabela 6). Entretanto, essa vantagem competitiva, muitas vezes, se arrefece por conta das condições da oferta de café verde no mercado interno ou da diferença de preço desse insumo em relação ao mesmo produto disponível no mercado internacional. Isso ocorre porque, na prática, não é possível importar café verde, em geral por alegações de problemas fitossanitários, sempre que esse bem atinge um preço no mercado internacional menor que o preço praticado internamente no país.

A perda de mercados consumidores de café solúvel em períodos de crises pode acarretar conseqüências nefastas para essa indústria brasileira de agronegócio de café. Isso porque a sua retomada pode ser muito custosa ou mesmo impossível, dado o alto grau de competitividade desse mercado. Além da redução potencial das exportações do setor, ocorre a redução da demanda derivada pelo café verde nacional. Em 2004, a demanda de café verde para a produção de café solúvel correspondeu a aproximadamente 3,2 milhões de sacas[5], o que equivale a 15% da produção brasileira total de café verde.

Do ponto de vista dos produtores brasileiros de café verde, a vantagem da venda do seu produto para a indústria de café solúvel consiste na maior regularidade e numa opção adicional de demanda pela sua produção em grande magnitude[6]. Além disso, a venda do café verde para a indústria de café solúvel

4 Embora o mercado mundial também seja concentrado.

5 Informação obtida na indústria de café solúvel.

6 Desse modo, mesmo a possibilidade de exportar café verde para as empresas estrangeiras produtoras de café solúvel não absorveria tamanha quantidade de café.

consiste num importante canal de escoamento do ***grinder***, que em geral é um subproduto natural e inevitável da agricultura do café verde[7].

Uma característica das exportações de café solúvel da indústria brasileira é que grande parcela ocorre a granel – a partir de 1998 mais de 44% do total exportado, conforme Tabela 2. O restante é vendido com marcas próprias, o que tem sido usado como estratégia pelas empresas do mercado interno para obterem maior valor de exportação, ou na forma de extrato.

Tabela 2

Exportação de café solúvel por forma do produto

Ano	1995	1997	1998	1999	2001	2003	2004
-A Granel	36%	33%	44%	47%	46%	49%	49%
-Embalado p/ cons.	53%	55%	39%	38%	41%	35%	37%
-Freeze dried	6%	5%	9%	7%	8%	11%	9%
-Extrato	4%	6%	6%	5%	5%	4%	4%
-Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (Abics).

A estratégia do setor, no que se refere à venda a granel, consiste em vender o produto no mercado internacional a um preço próximo ao custo marginal de produção das potenciais empresas produtoras para evitar novas entradas.

As empresas que compram o café a granel compõem um ***blend*** e vendem o produto embalado e com marca. Desse modo, quando o preço do café solúvel brasileiro aumenta, refletindo aumentos de custos de produção além do custo marginal que essas empresas são capazes de produzir, passa a ser mais vantajoso para elas fabricar seu próprio café solúvel, deixando de importar esse produto do Brasil.

De acordo com informações da Associação Brasileira da Indústria de Café

7 Obviamente que o café solúvel não é necessariamente produzido apenas à base de ***grinder***, pois, se o preço do café verde normal estiver baixo o suficiente, este poderá ser usado para a produção do café solúvel.

Solúvel (Abics), a possibilidade de produção pelas empresas importadoras do café solúvel brasileiro ocorre porque, por exemplo, as empresas dos Estados Unidos – o maior importador do café solúvel brasileiro – possuem fábricas instaladas de café solúvel e operam com capacidade ociosa. Por isso, não incorrem nos custos iniciais de entrada no mercado em resposta aos aumentos no preço do café solúvel importado além de seu custo variável. Além disso, o café verde, principal insumo do café solúvel, pode ser facilmente importado a preços muito competitivos no mercado internacional, permitindo que mesmo países não-produtores do grão sejam capazes de industrializá-lo na forma de café solúvel.

Outra possibilidade, ante os aumentos de preços do café solúvel brasileiro, consiste no incentivo à produção pelos países importadores que não possuem capacidade instalada de produção, como a Rússia, mas que podem incorrer nos custos de instalação da planta complexa de café solúvel para produção própria. Nesse caso, mais penoso para os exportadores brasileiros, tais países deixariam de ser mercados importadores do café solúvel de maneira definitiva, tornando-se potenciais concorrentes do Brasil.

A grande sensibilidade do mercado internacional às pequenas variações nos preços do café solúvel brasileiro se deve ao fato de esse produto ser um bem homogêneo, pois pode ser facilmente replicado com características idênticas, desde que o custo de implantação da indústria já tenha ocorrido e exista grande disponibilidade do insumo café verde com preços competitivos. Como grande parte das exportações brasileiras ocorrem a granel, não existe uma marca vinculada a essa parcela do produto, ou seja, não há uma diferenciação por fidelidade do consumidor criada por publicidade e propaganda. Além disso, é interessante observar que um dos passos que a indústria brasileira de café solúvel teve de trilhar para manter-se competitiva no mercado internacional foi o uso predominante do café verde robusta como insumo. A espécie robusta comparada à arábica apresenta melhor rendimento, pois possibilita uma taxa de extração de sólidos solúveis estimada em 40% contra 35% a 37% da espécie arábica, e menor cotação de preço no mercado internacional.

Quando a indústria de café solúvel foi implantada no Brasil na década de 1960, mediante a Resolução nº 161 do Instituto Brasileiro de Café (IBC)[8], produzia-se exclusivamente café arábica. Naquela data, o país ainda não produzia café verde robusta em quantidade significativa. Isso gerou grande demanda

8 Autarquia que regia a política cafeeira naquela época.

pelo café solúvel brasileiro a granel, pois a maioria do café solúvel disponível no mercado era produzida com café robusta.

Apesar dessa preferência, o café solúvel brasileiro, entretanto, não era remunerado por essa característica no mercado internacional, não havia diferencial de preços do café solúvel conforme seu tipo de grão insumo. Assim, quando os estoques de ***grinder*** se esgotaram, a indústria brasileira de café solúvel precisou se adaptar ao padrão internacional de produtividade e passou a produzir utilizando a variedade de café robusta para manter a competitividade no mercado internacional. Como o mercado mundial de café solúvel é muito competitivo, a tendência dos produtores em geral foi a de produzir um bem cada vez mais homogêneo, fenômeno que realimentava a competitividade do mercado. Desse modo, o fator preço tornou-se um dos elementos-chave na competição por esse mercado.

3
DRAWBACK PARA O CAFÉ SOLÚVEL BRASILEIRO E O MERCADO INTERNACIONAL DE CAFÉ VERDE

Considerando as conseqüências de possíveis perdas de mercados importadores do café solúvel brasileiro, apresentadas anteriormente, ou mesmo da incapacidade em atender a novas demandas, e seguindo a tendência dos demais países latino-americanos exportadores desse bem, como Colômbia e México, este estudo avalia a possibilidade de uso do mecanismo de ***drawback*** para o setor de café solúvel. Em linhas gerais, o regime de ***drawback***, criado pelo Decreto-Lei nº 37/1966, consiste em desonerar o imposto de importação de bens insumos vinculados a um compromisso de exportação de bens finais com maior valor agregado.

A falta de condições para ofertar café solúvel brasileiro a preços competitivos no mercado internacional ocorre, em geral, por causa do aumento do custo do café verde interno, que é seu principal insumo. Atualmente, situações como essas podem ocorrer com maior freqüência, por conta da entrada do Vietnã no mercado internacional de café verde robusta como um forte concorrente na produção e exportação. A Tabela 3 mostra que, entre 1995 e 2004, a quantidade total exportada de café verde no mundo apresentou um crescimento acumulado de 20%. O Vietnã e o Brasil foram os maiores responsáveis

por esse crescimento da oferta com taxa de crescimento acumulado respectivamente de 278%, passando de 3,55 para 13,40 milhões de sacas, e 64% para o mesmo período. A Colômbia, a Guatemala e os demais países exportadores apresentaram taxa de crescimento acumulado negativo.

Tabela 3

Exportações de café verde dos membros da International Organization of Coffee (ICO) em milhões de sacas de 60 kg

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	Taxa acumulada
Total	67,6	77,5	80,3	80,1	85,8	89,4	90,4	88,5	85,8	81,2	20%
Brasil	14,4	15,3	16,8	18,2	23,2	18,0	23,2	28,2	25,7	23,6	64%
Vietnã	3,5	3,8	6,2	6,5	7,7	11,6	13,9	11,8	11,6	13,4	278%
Colômbia	9,8	10,6	10,9	11,3	10,0	9,2	9,9	10,3	10,2	9,0	-9%
Indonésia	3,9	6,4	5,8	5,6	5,1	5,4	5,2	4,3	4,8	4,1	4%
Índia	2,5	3,1	2,6	3,5	3,6	4,4	3,7	3,5	3,7	3,5	41%
Guatemala	3,7	4,0	4,2	3,5	4,7	4,9	4,1	3,5	3,8	3,1	-15%
Demais	29,7	34,3	33,7	31,6	31,5	36,0	30,2	26,9	25,9	24,6	-17%

Fonte: International Organization of Coffee.

A Tabela 4 mostra que a Colômbia, em 2000, perdeu sua posição de segundo maior exportador de café verde do mundo para o Vietnã. Mostra também que o Brasil e o Vietnã aumentaram sua participação relativa no mercado mundial: o Brasil passou a deter 29% do mercado mundial em 2004 contra 21% que detinha em 1995; o Vietnã passou a deter 16% do mercado em 2004, embora só detivesse 5% em 1995.

Vale observar, no entanto, que o Vietnã produz quase exclusivamente o café robusta e atualmente é o maior exportador dessa variedade, atingindo 43% do mercado mundial em 2001. O Brasil é o maior exportador mundial da variedade de café arábica e divide o quarto lugar com a Uganda como exportador do café robusta (ver tabelas 1A e 2A no Anexo). Deve-se observar que, apesar da entrada do Vietnã no mercado de café verde mundial, o Brasil é o maior exportador mundial (arábica mais robusta), fenômeno que sinaliza a sua

grande capacidade de competição nesse mercado. Isso sugere que os preços do café verde disponível no mercado interno aos produtores de café solúvel são competitivos na maior parte do tempo. Somente em algumas situações ocorrem gargalos na forma de diferencial positivo de preços entre o grão nacional e o vendido no mercado internacional. Nessas situações, ou naquelas em que ocorrem choques de oferta, tais como secas ou outros problemas climáticos, é que o dispositivo de ***drawback*** poderia ser utilizado para garantir a oferta brasileira de café solúvel no mercado mundial a preços competitivos.

Tabela 4

Porcentual de quantidade das exportações de café verde dos membros da ICO

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Brasil	21%	20%	21%	23%	27%	20%	26%	32%	30%
Vietnã	5%	5%	8%	8%	9%	13%	15%	13%	14%
Colômbia	15%	14%	14%	14%	12%	10%	11%	12%	12%
Indonésia	6%	8%	7%	7%	6%	6%	6%	5%	6%
Índia	4%	4%	3%	4%	4%	5%	4%	4%	4%
Guatemala	5%	5%	5%	4%	5%	5%	5%	4%	4%
Outros	44%	44%	42%	39%	37%	40%	33%	30%	30%

Fonte: International Coffee Organization (ICO).

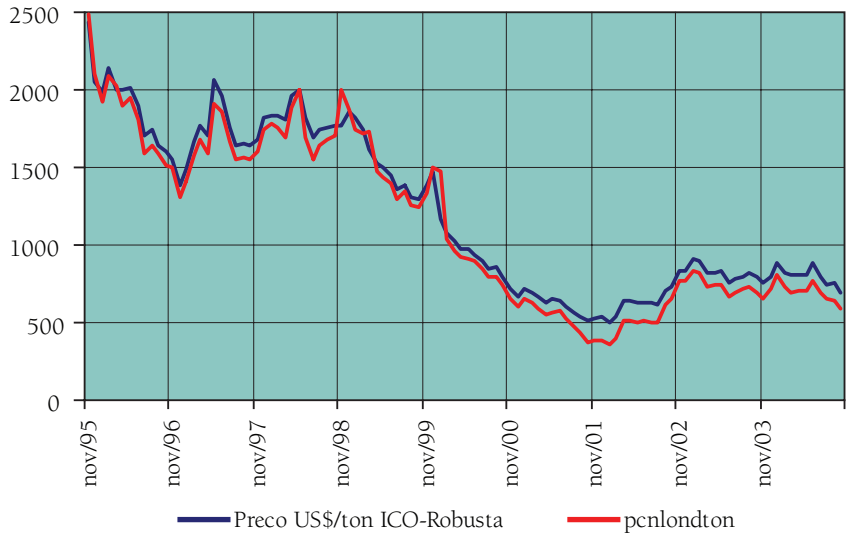
Como conseqüência do aumento da quantidade negociada de café verde no mercado internacional entre os anos de 1995 e 2004, verifica-se uma forte tendência de queda no seu preço internacional. O Gráfico 1 mostra o comportamento dos preços internacionais da tonelada de café robusta em dólares de duas diferentes fontes de informação. Verifica-se que o custo de produção do café solúvel se reduziu drasticamente nos últimos anos.

Os preços nominais do café verde no mercado internacional se reduziram em grande magnitude em 2001 e 2002, como conseqüência do aumento de preço ocorrido em 1996 e 1997. Esse aumento sinalizou ganhos nesse mer-

cado e redundou em grande aumento da produção mundial, particularmente do Brasil e do Vietnã, e conseqüente posterior queda no preço internacional do café verde. Desse modo, configurou-se uma crise mundial do café, pois a queda de preços reduziu drasticamente as receitas dos produtores. A queda no preço internacional do café teve como causa as desvalorizações das moedas dos países exportadores, principalmente a do Brasil, e a maturidade das novas áreas cultivadas pelo Vietnã e pela Indonésia.

Gráfico 1

Preços por tonelada do café verde robusta em dólares: ICO e primeira posição de Londres



Fonte: International Coffee Organization (ICO).

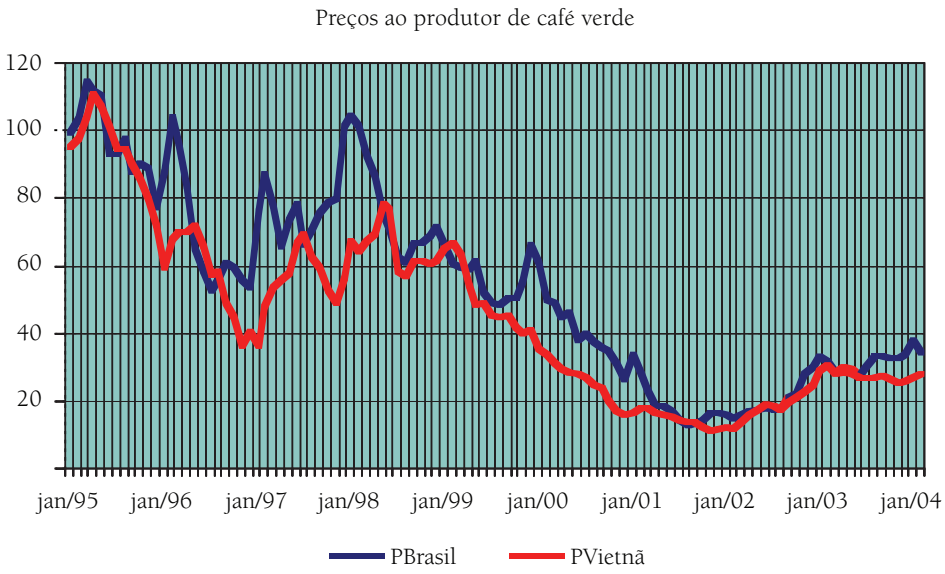
O Gráfico 2 mostra a evolução dos preços de café verde aos produtores[9] do Vietnã e do Brasil, em dólares por libra peso, entre janeiro de 1995 e fevereiro

9 Note que o preço ao produtor não é o preço negociado no mercado internacional.

de 2004. Os preços aos produtores vietnamitas têm sido sistematicamente menores, porém em pequenas magnitudes, que os preços pagos aos produtores brasileiros, fenômeno que, juntamente com o aumento da quantidade ofertada, sinaliza a força da concorrência do Vietnã nesse mercado. Por sua vez, a pequena magnitude do diferencial entre os preços dos dois países, que algumas vezes se inverte, também explicita que os produtores brasileiros têm apresentado capacidade em responder ao ambiente altamente concorrencial que se estabeleceu no mercado mundial.

Gráfico 2

Preços recebidos pelos produtores do café verde robusta do Vietnã e do Brasil, em centavos de dólar por libra



Fonte: International Coffee Organization (ICO).

Desse modo, sendo o setor de café verde brasileiro bastante competitivo, não haveria razões econômicas para restringir a importação desse produto ou mesmo para permitir a adoção de uma política do tipo ***drawback***. Até mesmo porque poderia se tratar de um ***drawback*** restrito a situações de choque

interno de oferta de café verde ou quando o diferencial de preços internos e externos comprometesse mercados tradicionais do café solúvel brasileiro.

A Colômbia e o México, semelhantemente ao Brasil, são exportadores de café verde e utilizam o mecanismo de ***drawback***, como já citado anteriormente, para a exportação de café solúvel. Tais países, entretanto, usufruem desse mecanismo mesmo não sendo tão competitivos em café verde no mercado internacional quanto o Brasil. Inclusive, ambos, Colômbia e México, só produzem café verde arábica, que é um café com maior cotação no mercado internacional. Desse modo, podem importar café verde robusta a preços bem inferiores ao café produzido internamente, destinando-o para a produção de café solúvel. A Tabela 5 mostra que os valores anuais importados de café verde por esses dois países, após 1995, foram bastante reduzidos apesar do ***drawback***, o que indica poucas alterações para as suas agriculturas do café verde decorrentes desse mecanismo.

Tabela 5

Importação de café verde dos países produtores (mil sacas de 60 kg)

	1996/ 1997	1997/ 1998	1998/ 1999	1999/ 2000	2000/| 2001	2001/ 2002	2002/ 2003	2003/ 2004
México	80	105	120	0	0	0	0	0
Colômbia	0	0	0	0	16	80	70	55

Fonte: International Coffee Organization (ICO).

4 MERCADO INTERNACIONAL DE CAFÉ SOLÚVEL

A queda nos preços internacionais do café verde robusta representa também uma queda nos custos de produção das empresas de café solúvel. Conseqüentemente, a redução dos custos variáveis de produção do café solúvel, considerando que é um mercado competitivo, tende a atrair novas empresas ao setor. Aparentemente foi o que ocorreu no mercado mundial de café solúvel, pois vários países não-produtores tradicionais entraram no mercado (ver Tabela 6). O Brasil, embora seja o maior exportador mundial de café solúvel,

tem reduzido sua participação no mercado mundial nos últimos anos, por causa das novas entradas.

O volume de café solúvel negociado no mundo aumentou significativamente, 94% entre os anos de 1995 e 2002, conforme informações da Tabela 6. Também é possível verificar que o Brasil em 1995 detinha 29% do mercado mundial de café solúvel, mas em 2002 essa parcela se reduziu para 15%. Apesar dessa perda relativa de mercado, em termos absolutos, o país aumentou seu volume de exportação em aproximadamente 7% no mesmo período. O mercado mundial cresceu, mas o aumento da demanda passou a ser atendido principalmente por países tradicionalmente consumidores como Cingapura, que ampliou sua participação no mercado mundial de 5% para 10%; a Malásia passou a exportar para 7% do mercado mundial; a Espanha e a Holanda ampliaram suas fatias em 3% do mercado em 2002, mas em alguns anos chegaram a atingir 5% e 7%, respectivamente; e os Estados Unidos e a Alemanha, que aumentaram suas participações em 2% do mercado mundial. O fato curioso foi que os países tradicionalmente grandes consumidores foram os que aumentaram a participação relativa nas exportações mundiais, em 19%, provavelmente atraídos pela possibilidade temporária de lucro extraordinário oferecida pelo setor, sinalizado pelo diferencial de preços do café verde e do solúvel. O que, como conseqüência, teria reduzido os preços do café solúvel no mercado internacional no período subseqüente, fenômeno que de fato ocorreu, conforme será visto.

Tabela 6

Exportações mundiais de café solúvel em mil sacas de 60 kg e como porcentual por países exportadores

Período	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Variação
Total de exportações em mil sacas	8.744	9.783	11.023	10.891	11.424	13.635	15.842	16.935	94%
Total de exportações	**100%**	**100%**	**100%**	**100%**	**100%**	**100%**	**100%**	**100%**	
Países produtores	**52%**	**46%**	**43%**	**39%**	**37%**	**34%**	**34%**	**32%**	**–20%**
Brasil	29%	26%	22%	15%	17%	15%	16%	15%	**–14%**

(continua)

Tabela 6

Exportações mundiais de café solúvel em mil sacas de 60 kg e como porcentual por países exportadores

(continuação)

Período	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Variação
Colômbia	6%	6%	6%	6%	5%	4%	4%	4%	**–2%**
Equador	5%	3%	3%	4%	3%	2%	2%	2%	**–3%**
México	3%	2%	2%	2%	2%	2%	3%	2%	**–1%**
Índia	5%	4%	5%	5%	4%	5%	5%	4%	**0%**
Indonésia	0%	1%	1%	2%	2%	2%	1%	1%	**1%**
Costa do Marfim	2%	3%	3%	4%	4%	3%	3%	3%	**0%**
Países consumidores	**48%**	**54%**	**57%**	**61%**	**63%**	**66%**	**66%**	**68%**	**20%**
Estados Unidos	3%	6%	7%	5%	6%	6%	5%	5%	**2%**
Canadá	3%	3%	3%	6%	4%	3%	2%	2%	**–1%**
França	5%	5%	5%	5%	4%	4%	4%	4%	**0%**
Alemanha	9%	10%	9%	10%	10%	11%	10%	11%	**2%**
Países Baixos	3%	3%	2%	6%	7%	6%	6%	6%	**3%**
Espanha	2%	3%	3%	3%	2%	3%	5%	5%	**3%**
Reino Unido	6%	5%	4%	5%	5%	4%	4%	4%	**–2%**
Suíça	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	**0%**
Cingapura	5%	6%	7%	7%	7%	0%	9%	10%	**5%**
Malásia	1%	1%	1%	2%	3%	5%	7%	7%	**6%**
China (e Hong Kong)	0%	0%	0%	1%	1%	1%	1%	1%	**0%**

Fonte: LMC Bolettin Coffee e International Coffee Organization (ICO).

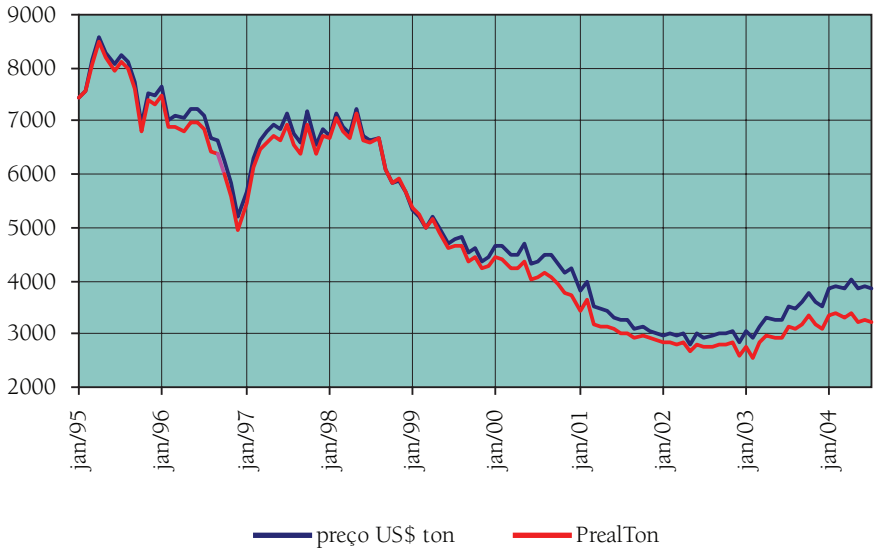
Os preços do café solúvel no mercado internacional apresentaram uma tendência de queda mais acentuada a partir de 1998, provavelmente associada com o aumento da concorrência, decorrente da entrada de novos países exportadores desse bem no mercado mundial. O Gráfico 3 mostra os preços

médios em dólares da tonelada de café solúvel exportado pelo Brasil, tanto em dólares nominais como em dólares reais deflacionados pelo Índice de Preços no Atacado (IPA) americano. Verifica-se uma forte tendência de queda nos preços, seguida de uma leve retomada após 2003.

A queda do preço do café solúvel brasileiro medido em dólares pode ser explicada por dois fatores. O primeiro foi a desvalorização cambial ocorrida em fevereiro de 1999 com a mudança do regime cambial do país, que implicou um barateamento das exportações brasileiras no mercado internacional. O segundo fator e aparentemente o mais significativo foi o barateamento do café verde no mercado internacional. Nos gráficos 1 e 2, é possível verificar que a tendência de queda dos preços do café robusta se inicia no começo de 1998, data que coincide com o início da queda do preço do café solúvel brasileiro medido em dólares. O diferencial de preços do café solúvel e do café verde insumo teria sinalizado alta a lucratividade no setor de café solúvel, dado seu baixo custo marginal de produção, atraindo novos produtores e, conseqüentemente, arbitrando os preços internacionais do café solúvel.

Gráfico 3

Preços médios da tonelada do café solúvel exportado pelo Brasil em dólares correntes e deflacionados

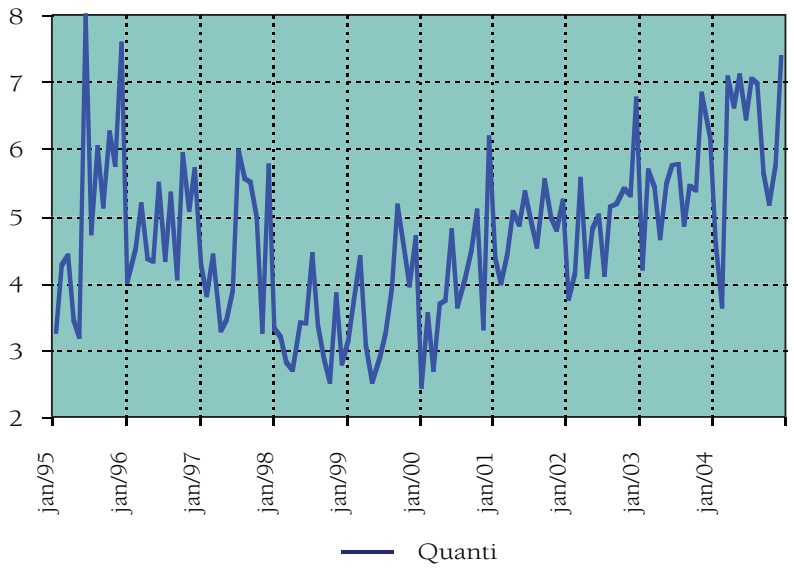


Fonte: Aedata (Agência Estado).

A evolução do volume das exportações brasileiras de café solúvel após 1995 pode ser verificada no Gráfico 4, que mostra a quantidade exportada medida em toneladas. A partir de 1997, configurou-se uma tendência de queda do volume de vendas que perdurou até 1999, quando a tendência se reverteu. Entretanto, de acordo com a segunda linha da Tabela 6, a quantidade total exportada no mundo após 1995 sempre cresceu, o que configura uma perda isolada da indústria brasileira exportadora de café solúvel para o período de 1997 até 1999. Numa situação como essa, a possibilidade do uso de ***drawback*** poderia ter arrefecido a perda dos mercados importadores do café solúvel brasileiro e até ter permitido a conquista de novos mercados, uma vez que as exportações mundiais do período aumentaram, conforme será visto na próxima seção.

Gráfico 4

Quantidade exportada de café solúvel brasileiro em mil toneladas



Fonte: Secretaria do Comércio Exterior (Secex).

Os maiores compradores do café solúvel brasileiro no ano de 1995 estão listados em ordem decrescente na Tabela 7. Vemos que dos oito maiores importadores de café solúvel brasileiro em 1995, sete reduziram o volume importado em valores muito significativos em 1997 em relação ao ano de 1995; no total, o

Brasil vendeu 11% a menos. Em 1998, o padrão de redução de importações do café solúvel brasileiro se manteve, caindo 36%. A Alemanha e o Japão aumentaram suas compras em, respectivamente, 20% e 5% em relação a 1995. No ano de 2003, as exportações totais de café solúvel do país voltaram a crescer em relação a 1995, 9%, mas antigos grandes compradores, como Rússia, Romênia, Reino Unido e Canadá, não voltaram a comprar do Brasil o volume que compraram em 1995, parcelas de mercados que o país perdeu definitivamente.

Tabela 7

Principais mercados do café solúvel brasileiro (equivalente em mil sacas de 60 kg)

País / ano	1995	1997	1998	2000	2003	var. 1997/ 1995	var. 1998/ 1995	var. 2000/ 1995	var. 2003/ 1995
Rússia	1102,7	737,9	393,2	315,0	359,0	–33%	–64%	–71%	–67%
Estados Unidos	425,4	299,8	307,7	480,2	546,2	–30%	–28%	13%	28%
Japão	207,5	246,4	214,2	260,8	301,9	19%	3%	26%	45%
Alemanha	157,1	129,0	188,2	226,7	286,0	–18%	20%	44%	82%
Romênia	155,6	77,9	55,7	25,5	24,2	–50%	–64%	–84%	–84%
Reino Unido	122,4	71,5	23,9	6,6	109,8	–42%	–80%	–95%	–10%
Canadá	58,0	38,1	37,6	26,1	22,4	–34%	–35%	–55%	–61%
Finlândia	42,7	1,7	4,5	34,7	31,5	–96%	–89%	–19%	–26%
Austrália	38,1	50,9	55,8	34,4	21,2	34%	46%	–10%	–44%
Polônia	36,8	57,7	26,5	6,8	20,2	57%	–28%	–82%	–45%
México	34,8	40,9	21,2	14,8	21,1	18%	–39%	–57%	–39%
Cingapura	32,1	50,7	35,4	62,7	99,1	58%	10%	95%	209%
Argentina	25,5	33,9	31,9	45,9	112,1	33%	25%	80%	340%
Ucrânia	13,0	330,2	74,9	307,6	317,0	2440%	476%	2266%	2338%
Espanha	5,6	1,2	1,2	1,3	31,1	–79%	–79%	–77%	455%
Uruguai	3,7	6,6	8,0	8,2	26,9	78%	116%	122%	627%
Rep. Tcheca	1,9	2,0	28,0	73,6	77,8	5%	1374%	3774%	3995%
Malásia	1,2	2,3	0,6	18,3	70,0	92%	–50%	1425%	5733%
Lituânia	1,1	7,4	6,0	1,1	57,4	573%	445%	0%	5118%
China	0,8	0,6	1,3	2,6	6,6	–25%	63%	225%	725%

(continua)

Tabela 7

Principais mercados do café solúvel brasileiro (equivalente em mil sacas de 60 kg)

(continuação)

País / ano	1995	1997	1998	2000	2003	var. 1997/ 1995	var. 1998/ 1995	var. 2000/ 1995	var. 2003/ 1995
El Salvador	-	-	-	-	34,7				-
Coréia R. D.	-	2,9	1,6	2,7	19,6				-
Outros	148,7	144,7	144,6	110,6	252,1	–3%	–3%	–26%	70%
Total	**2615**	**2334**	**1662**	**2066**	**2848**	–11%	–36%	–21%	9%

Fonte: Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (Abics) e Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé).

O Brasil perdeu competitividade no mercado mundial de café solúvel em 1997 e 1998 por causa de problemas climáticos que afetaram a produção interna de café verde. Esse choque de oferta que reduziu a quantidade de café verde disponível na economia ocasionou aumentos de preços desse bem (ver Gráfico 2), encarecendo a produção brasileira de café solúvel, dada a impossibilidade de importar café verde. Como conseqüência, o Brasil perdeu grande parcela de suas vendas para seu maior mercado importador, a Rússia, além de reduzir suas vendas para vários outros países: alguns de maneira definitiva, como a Rússia e o Canadá, e outros que alguns anos depois voltaram a aumentar as compras do Brasil, como os Estados Unidos e a Alemanha.

O Brasil efetivamente perdeu esses mercados porque as importações mundiais totais e as importações por países principais de café solúvel aumentaram durante os períodos analisados (ver Tabela 8). Isto é, o Brasil reduziu as exportações para vários países em 1997 e 1998, mas esses mesmos países aumentaram o volume importado durante esses dois anos – com exceção da Rússia, que também voltou a aumentar suas importações a partir de 1999 e se recuperou definitivamente nesse mercado após 2001 –, o que indica que importaram café solúvel de outros países. Desse modo, a redução das vendas de café solúvel para esses países pode ter sido temporária por causa das crises internacionais que afetaram essas economias, tais como a crise russa ou a asiática, mas depois a redução ocorreu porque tais países passaram a comprar café solúvel de outros exportadores concorrentes do Brasil.

Notadamente, as exportações brasileiras foram substituídas por exportações de café solúvel de países tradicionalmente consumidores, que ampliaram suas exportações após 1995, conforme indica a Tabela 6. Além disso, as exportações passaram a ocorrer de maneira pulverizada, ou seja, o Brasil como grande exportador não foi substituído por outro país grande exportador, mas sim por vários países exportadores de pequeno porte.

Tabela 8

Importações mundiais de café solúvel por destino, em mil sacas de 60 kg

País / ano	1995	1997	1998	2000	2002	var. 1997/1995	var. 1998/1995	var. 2000/1995	var. 2002/1995
Total	7.301	9.445	10.059	11.001	14.671	29%	38%	51%	101%
Rússia	1.247	1.785	1.522	1.448	2.900	43%	22%	16%	133%
Estados Unidos	925	961	1.361	1.385	1.527	4%	47%	50%	65%
Alemanha	455	570	713	766	891	25%	57%	68%	96%
Reino Unido	636	674	745	829	764	6%	17%	30%	20%
Cingapura	171	287	259	559	742	68%	51%	227%	334%
França	411	585	585	573	722	42%	42%	39%	76%
Canadá	247	270	321	352	542	9%	30%	43%	119%
Países Baixos	161	296	325	342	414	84%	102%	112%	157%
Austrália	79	107	165	14	390	35%	109%	–82%	394%
Japão	272	258	300	311	367	–5%	10%	14%	35%
Taiwan	136	194	196	295	346	43%	44%	117%	154%
Espanha	100	193	177	161	243	93%	77%	61%	143%
China	67	88	76	88	58	31%	13%	31%	–13%

Fonte: International Coffee Organization (ICO).

Além das perdas de mercados por conta do suprimento de exportações de café solúvel por outros países exportadores concorrentes, mensuráveis pelas exportações mundiais desse bem, existem as perdas de mercados consumidores que possam ter ampliado sua produção interna para consumo próprio

e, por isso, tenham diminuído sua demanda por importações, situação mais difícil de ser mensurada.

A expansão da indústria brasileira de café solúvel enfrenta duas outras dificuldades: as barreiras tarifárias e as questões tributárias. O café solúvel brasileiro sofre barreiras tarifárias na União Européia (UE) e em diversos países do Leste Europeu. As indústrias dos principais países concorrentes ou são isentas das taxas de importação, sob alegação de uma política de cooperação ao combate do narcotráfico, ou são taxadas com uma menor alíquota, como no caso do México e da Índia. Pela tradição, a UE tende a favorecer suas ex-colônias africanas (Tratado de Lomé); além disso, a questão das drogas tem um apelo importante nas negociações, como no caso da Colômbia.

A queda das barreiras tarifárias ou a expansão do princípio da Nação Mais Favorecida para os Sistemas Gerais de Preferências, já praticado pelos Estados Unidos e pela UE para todas as nações que compõem o bloco, aumentaria muito a competitividade do café solúvel brasileiro.

Em 2001, o Brasil conseguiu obter da UE cota livre de taxa, após ter recorrido à Organização Mundial do Comércio (OMC) para reduzir barreiras tarifárias incidentes sobre o produto brasileiro. A cota foi fixada em 87,4% sobre os seguintes volumes importados pela UE sem tarifa: 10 mil toneladas em 2002, 12 mil em 2003 e 14 mil toneladas em 2004. Fora dessa cota, o produto brasileiro foi submetido à tarifa de 9% – era 11% até 1999 (OJEC, 2001). Os países concorrentes, como a Colômbia e o Equador, entravam livres de tarifas desde 1991, graças ao princípio de tratamento preferencial a países do Pacto Andino e do Mercado Comum da América Central que realizam programas de combate à produção e ao tráfico de drogas.

Na Rússia e na Ucrânia, os maiores importadores europeus do solúvel brasileiro (ver Tabela 7), a tarifa de importação é de 10% e 30%, respectivamente. Na Rússia, existe um movimento articulado para elevar os impostos de importação, com o objetivo de estimular a formação de uma indústria de café solúvel e café torrado e moído naquele país. Na China, a tarifa de importação é de 30%, na Polônia de 19% e na Romênia de 15,5%. Vale observar que, na Polônia, o Brasil tem taxas superiores às de outros países. No caso de países considerados menos desenvolvidos, a tarifa é de 10%, enquanto o produto da UE paga 7%. A Tabela 9 mostra as tarifas de importação incidentes sobre algumas das exportações brasileiras de café solúvel.

No que se refere às questões tributárias, uma dificuldade apontada pelo setor é o problema de acúmulo de crédito do Imposto sobre Circulação de

Mercadorias e Serviços (ICMS) pelas empresas. Como as empresas desse segmento operam preferencialmente no mercado externo, torna-se praticamente impossível utilizar esse crédito. As empresas acabam tendo de negociar esse crédito que é obtido quando da aquisição da matéria-prima com deságios que chegam a atingir 30%. Considerando que as empresas estrangeiras concorrentes têm acesso à matéria-prima sem o imposto, ocorre uma distorção negativa para as empresas nacionais. Outra preocupação do setor é com relação ao atraso nos recebimentos de crédito do Imposto sobre Produção Industrial. (IPI) presumido nas operações de exportação.

Tabela 9

Tarifas de importação incidentes sobre as exportações brasileiras de café solúvel

Países	CAFÉ SOLÚVEL					
	Extratos, essências ou concentrados (não adicionados de sabor)		Preparações com base nesses extratos, essências ou concentrados ou café		Substitutos de café que contêm café	
	Brasil	Preferência	Brasil	Preferência	Brasil	Preferência
Estados Unidos	0%	0%	10%	0% +	0,20% ++	0% +
Canadá	0%	0%	0%	0%	0%	0%
UE	9,0%	0% (ACP) 3,2% (SGP)*	11,5%	0% (ACP) 8,1% (SGP)*	11,5%	0% (ACP) 8,1% (SGP)*
Japão	12,3%	12,3%	16,0	0% **	-	-
Chile	9%	9%	9%	9%	9%	9%
México	141%	141%	141%	141%	72%	72%
Argentina	0%	17,5% (TEC)	0%	17,5% (TEC)	-	-

\+ Bolívia, Colômbia, Equador, Peru (Acordo Antidrogas) e CBI (Caribe).

++ Equivalente *ad valorem* (específica = $ 0,015/kg).

* Tarifas de preferência: ACP (preferência com países da África) e SGP (Sistema Geral de Preferências), que representa 35% da NMF no caso de produtos semi-sensíveis (extratos) e 70% da NMF no caso de produtos semi-sensíveis (como as preparações e os substitutos de café).

** Tarifa SGP

Fonte: Hemisferic Database/FTAA, versão 1.0, TRAINS e Ojec (2001).

Esses fatores agravam as condições de inserção do café solúvel brasileiro no mercado internacional à medida que encarecem relativamente a produção e as exportações brasileiras de café solúvel e não podem ser resolvidos de maneira imediata e simples.

O Gráfico 5 mostra a evolução dos preços do café solúvel brasileiro no mercado internacional e do café verde negociado internamente, ambos medidos em dólares correntes[10]. Verifica-se, para o período analisado, que o preço do café solúvel caiu a uma taxa maior que a taxa de queda do preço do café verde. A partir de meados de 2002, os preços de ambos os cafés voltaram a subir, e novamente a taxa de crescimento do café solúvel foi maior que a do café verde. Esse comportamento sugere que o preço do café solúvel responde de maneira mais que proporcional a um aumento no preço de seu principal insumo.

É importante observar no Gráfico 5 que o diferencial entre o preço do café solúvel e o preço do café verde diminuiu entre 1995 e 2003, sugerindo que tenha ocorrido uma redução nas margens de rentabilidade das empresas brasileiras exportadoras de café solúvel. Esse fato reforça a necessidade de adaptação das empresas ao ambiente de maior concorrência que vem sendo desenhado no mercado mundial de café solúvel, com a entrada de novos produtores no mercado de café solúvel.

A maior taxa de decréscimo do preço do café solúvel, quando comparada com a do preço do café verde, evidencia que o primeiro responde de maneira mais elástica ao aumento de concorrência que o segundo. Provavelmente, esse fenômeno ocorre em conseqüência das características técnicas da produção de cada um desses tipos de café. Enquanto o café verde exige que o país produtor tenha terra e clima apropriados para essa agricultura – mesmo que tenha as características adequadas, o custo inicial de produção é relativamente baixo –, a produção de café solúvel pode ocorrer em qualquer país, pois atualmente existe, no mercado mundial, café verde insumo em grande quantidade e a preços baixos. Assim, desde que um país esteja determinado a incorrer no alto custo inicial de instalação da planta de café solúvel, essa possibilidade de produção está dada para qualquer país, o que não ocorre no caso do café verde.

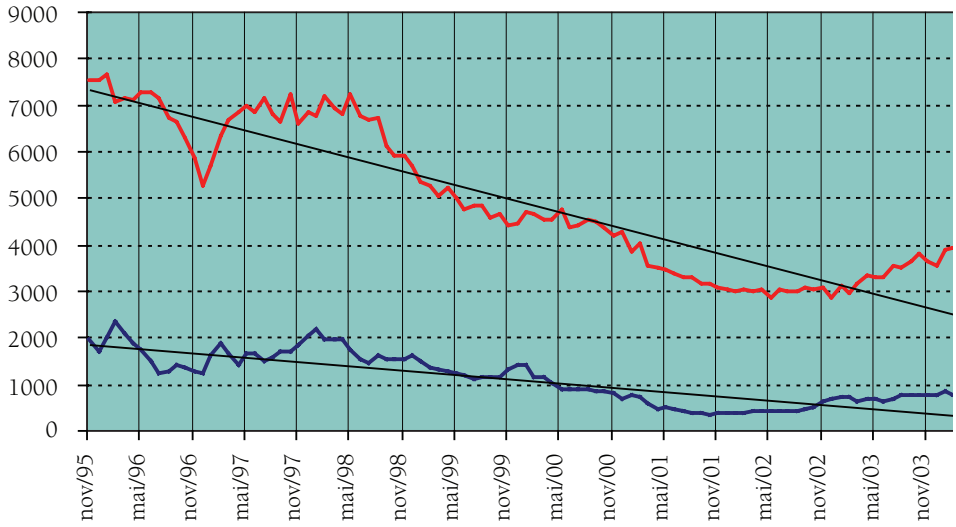
Essa diferença técnica de produção pode explicar a maior resposta dos preços do café solúvel em relação à do café verde insumo ao aumento da concorrência em seus mercados, conforme visto nas tabelas 3 e 6, e também pode ser utilizada como um argumento a favor do uso do ***drawback*** para o café solúvel,

10 O preço do café verde conillon é avaliado pelo índice de preços São Gabriel convertido em dólares pela taxa de câmbio média do período, e o preço do café solúvel é o preço médio das exportações brasileiras de café solúvel.

sem prejuízos ao setor de café verde. Essa diferença sugere que o mercado de café solúvel possui mais produtores potenciais entrantes, o que indica que perdas temporárias de competitividade podem significar perdas definitivas de mercados, reforçando a argumentação anterior a esse respeito.

Gráfico 5

Preços de café solúvel e de café verde



Fonte: Aedata (Agência Estado) e Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (Esalq).

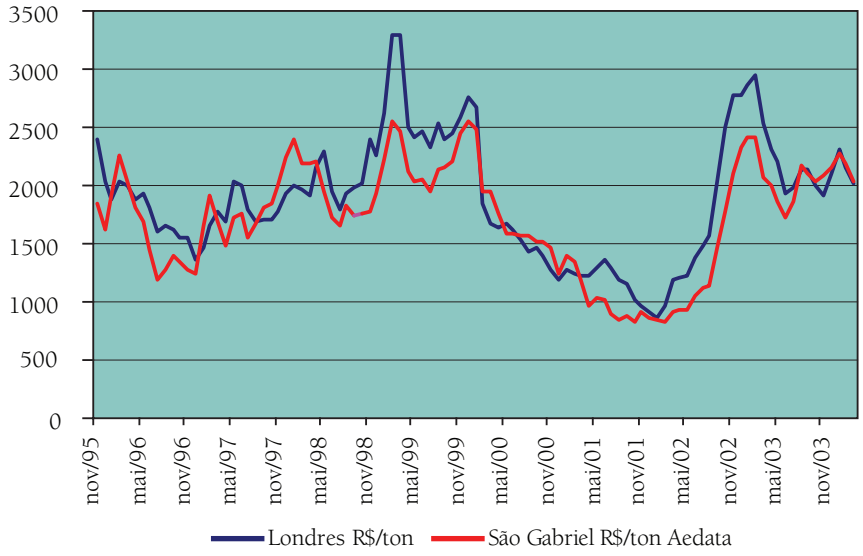
5 MODELO ESTIMADO

Para avaliar o impacto da impossibilidade de os produtores brasileiros de café solúvel importarem café verde insumo aos preços negociados no mercado internacional sobre as suas exportações, foi estimado um modelo de demanda mundial pelo café solúvel brasileiro. O intuito foi verificar se de fato o diferencial de custos de produção, medido pelo diferencial de preços do café insumo, é significativo para explicar o comportamento da demanda internacional pelo café solúvel brasileiro.

O Gráfico 6 mostra o comportamento dos preços da tonelada de café verde no mercado internacional e no mercado brasileiro, medidos em moeda nacional entre 1995 e 2003. Verifica-se que o preço do café verde no Brasil, disponível aos produtores de café solúvel, é mais barato na maior parte do tempo, o que revela a grande capacidade de competição da agricultura brasileira de café verde no mercado internacional. Entretanto, é possível localizar alguns períodos em que o preço do café verde negociado no mercado internacional, trazido à moeda nacional pela taxa de câmbio média, foi menor que o preço praticado internamente.

Gráfico 6

Preços de café verde nacional e internacional por tonelada



Desse modo, identificou-se uma função demanda mundial pelo café solúvel brasileiro e, considerando as especificidades de cada país demandante, avaliou-se o impacto do aumento do diferencial de preços do café verde robusta, interno e externo, sobre a quantidade mundial demandada. Ver especificações do modelo estimado no Anexo.

A necessidade de considerar as especificidades de cada país ocorre porque as demandas de cada um deles tende a ser diferenciada; por exemplo, a deman-

da de café solúvel do Japão tende a ser menos sensível a variações de preços que a norte-americana. Os demandantes norte-americanos, conforme já discutido anteriormente, são empresas que compram café solúvel a granel do Brasil, compõem um ***blend*** e vendem o café solúvel embalado e com marca. Desse modo, são mais suscetíveis a variações no preço do café solúvel brasileiro. Já os países do Leste Europeu, Rússia e Ucrânia demandam café solúvel embalado, portanto com maior valor agregado. Considerando tais diferenças, é preciso ter um controle sobre elas para estimar uma demanda "média" mundial.

Os resultados do modelo econométrico estimado indicam que, quando o diferencial de preços entre o café verde brasileiro e o do negociado no mercado internacional aumenta, ou seja, quando o preço interno é maior que o preço internacional, a quantidade demandada de café solúvel brasileiro diminui significativamente. Esse resultado sugere que a perda de mercados compradores do café solúvel brasileiro decorre da impossibilidade de importar café verde a custos menores disponíveis no mercado internacional. Considerando que os demais produtores de café solúvel têm acesso ao café insumo ao preço internacional, os produtores brasileiros automaticamente perdem competitividade nas exportações do café solúvel. Os resultados sugerem que o uso do ***drawback*** poderia evitar perdas de mercados externos, temporárias e permanentes, para o café solúvel.

Nos últimos dez anos, o Brasil teve uma significativa perda de participação no mercado internacional de café solúvel. Em 1995, a participação era de 29% e em 2002, de apenas 15%. Caso o Brasil tivesse mantido a participação de 29%, o setor teria exportado 2,5 mil sacas de solúvel a mais do que exportou no período. Esse crescimento poderia ter refletido ganhos para a economia brasileira: maior receita cambial e geração de empregos, como também maiores ganhos para a cadeia produtiva do café com o aumento do consumo de café verde de uma forma geral (ver Tabela 10).

Tabela 10

Cenário: Brasil mantendo a participação nas importações mundiais de café solúvel por destino, em mil sacas de 60 kg

Exportações de solúvel	Total (mil sacas)	Brasil (mil sacas)	Taxa de crescimento ao ano	Participação Brasil
1995	8744	2535	8,6%	29%
2002	16935	2540	0,02%	15%

(continua)

Tabela 10

Cenário: Brasil mantendo a participação nas importações mundiais de café solúvel por destino, em mil sacas de 60 kg

(continuação)

Cenários	Quantidade (milhões de dacas)	Valor (mil dólares)	% do segmento na compra de café verde produzido no Brasil
Brasil mantém participação de 15%	2,5	200	7%
Brasil mantém participação de 29%	5,0	400	15%

Fonte: Elaborado com dados da International Coffee Organization (ICO).
Nota: Calculado com preço médio de US$ 80,00.

6 CONCLUSÕES

Os resultados das análises econômicas e estatísticas deste estudo sugerem que existe espaço para a utilização do mecanismo de *drawback* para o café solúvel brasileiro, com o intuito de evitar perdas de competitividade temporárias no mercado internacional. Especificamente, cálculos estatísticos mostram que, quando o diferencial de preços do café verde interno em relação ao disponível no mercado nacional se amplia, a quantidade demandada de café solúvel brasileiro pelo mercado internacional diminui, o que revela que, de fato, o custo do café verde é significativo para a competitividade do café solúvel no mercado mundial.

A perda temporária de competitividade no mercado internacional decorrente de problemas com o café verde insumo pode acarretar também perdas definitivas de mercados compradores do café solúvel brasileiro. Como as exportações brasileiras de café solúvel representam grande participação das exportações mundiais, embora venham se reduzindo sistematicamente nos últimos anos, geram uma demanda derivada de café verde no mercado nacional extremamente significativa e regular, em torno de 15% do total produzido de café verde no país.

A perda de mercados importadores de café solúvel pode acarretar perda dupla de mais longo prazo para o setor de agronegócios no Brasil: perda para o se-

tor de café solúvel, porque não consegue retomar tais mercados, e para o setor de café verde, que deixa de contar com a demanda derivada no longo prazo.

A grande concorrência no mercado internacional de café solúvel tende a aumentar a homogeneidade do produto, realimentando a concorrência, o que implica que o preço do café solúvel é o elemento-chave da concorrência nesse mercado.

O Brasil reduziu sua participação no mercado internacional de café solúvel de 29% para 15% entre 1995 e 2002; entretanto, não reduziu sua produção e exportação. Na verdade, ocorreram aumento das exportações mundiais e ampliação do mercado internacional, maior que o aumento das exportações brasileiras. Desse modo, o Brasil deixou de vender para os novos mercados, embora efetivamente tenha perdido mercados.

No período 1997/1998, o Brasil, por falta de competitividade temporária, decorrente de problemas climáticos e pela impossibilidade de importação de café verde, perdeu temporariamente alguns mercados importadores de café solúvel e outros de maneira definitiva. Uma grande perda definitiva para o Brasil foi o mercado da Rússia, o maior importador de café solúvel brasileiro em 1995. Os dados mostram que, apesar da crise russa ocorrida nesse período, as suas importações de café solúvel voltaram a crescer, mas o Brasil passou a exportar cada vez menos para esse país.

O café solúvel brasileiro conta com diferentes taxações discriminatórias em diferentes países importadores, que, de um modo geral, não têm afetado os demais concorrentes do Brasil nesse mercado. Outro problema desse setor exportador está relacionado com a estrutura tributária brasileira.

A evolução entre 1995 e 2003 dos preços do café solúvel exportado pelo Brasil e dos preços do café verde robusta produzido internamente sugere que houve perda de rentabilidade do setor de café solúvel.

Segundo Porter (1993), para que uma indústria seja bem-sucedida em uma determinada atividade econômica, ela deve criar vantagens competitivas fortes e sustentáveis ao longo do tempo. Para tanto, há que se desenvolver um sistema favorável àquela dada atividade. Os "determinantes da competitividade" têm como variáveis os seguintes fatores: insumos ou fatores de produção, demanda, indústrias suplementares ou de apoio e ambiente competitivo em que a indústria opera. Se tais fatores estiverem expostos à competição, as suas forças serão construtivas e positivas. Impedir a aquisição de matéria-prima no mercado internacional é eliminar um desses fatores.

Referências

ALVES, C. C. ***Análise das demandas nacional e internacional por café brasileiro:*** período de 1961 a 2002. 2004. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

BRAGANÇA, G. G. F. ***Poder de mercado do café brasileiro nos EUA*** – *Uma abordagem residual*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Escola de Pós-Graduação em Economia, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2003.

DUQUE, H. ***A luta pela modernização da economia cafeeira***: assim agem as multinacionais. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

NISHIJIMA, M.; SAES, M. S. M. Análise econômica das barreiras tarifárias ao café solúvel brasileiro. In: XLIV CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 2006, Fortaleza. ***Anais***... Fortaleza: Sober, 2006.

OJEC. OFFICIAL JOURNAL OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. ***Council Regulation (EC)***, n. 2165, L 292, p. 1-2, 2001.

PORTER, M. E. *A vantagem competitiva das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

SAES, M. S. M. *A racionalidade econômica da regulamentação no mercado brasileiro de café*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 1997.

SAES, M. S. M.; FARINA, E. M. M. Q. *O* agribusiness ***do café no Brasil***. São Paulo: Ipea, Pensa, USP, Milkbizz, 1999.

SAES, M. S. M.; NAKAZONE, D. Cadeia agroindustrial do café. In: COUTINHO, L. G. et al. (Coord.). ***Estudos da competitividade de cadeias integradas no Brasil***: impactos das zonas de livre comércio. Brasília: Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio, 2002. Disponível em: <www.pensa.org.br> e <www.desenvolvimento.gov.br/cadeiasprodutivas>. Acesso em: 28 mar. 2005.

WOOLDRIDGE, J. M. ***Econometric analysis of cross section and panel data***. London: MIT Press, 2002.

ZYLBERSZTAJN, D. et al. ***O sistema agroindustrial do café***: análise e estratégias. Um estudo da organização do ***agribusiness*** do café visto como a chave da competitividade. São Paulo: Ortiz, 1993.

Tabela 1A

Exportações mundiais de café arábica (em milhões de sacas)

		1997	%	1998	%	1999	%	2000	%	2001	%	Taxa crescimento
1	Brasil	15,06	28	16,32	31	19,78	35	16,08	29	21,03	37	6,5%
2	Colômbia	10,92	21	11,24	21	10,00	17	9,18	16	9,94	17	–3,9%
3	Guatemala	4,21	8	3,51	7	4,68	8	4,84	9	4,10	7	2,7%
4	México	4,51	9	3,41	6	4,36	8	5,30	9	3,41	6	–1,2%
5	Peru	1,72	3	1,91	4	2,44	4	2,39	4	2,40	4	8,9%
6	Honduras	1,72	3	2,33	4	1,99	3	2,88	5	2,39	4	8,7%
7	Costa Rica	2,11	4	2,03	4	2,01	4	2,03	4	2,05	4	–0,5%
8	Índia	1,22	2	1,09	2	1,47	3	1,83	3	1,65	3	11,1%
9	El Salvador	2,76	5	1,69	3	1,80	3	2,54	5	1,52	3	–7,9%
10	Etiópia	1,98	4	1,92	4	1,82	3	2,00	4	1,39	2	–6,6%
11	Nicarágua	0,71	1	0,93	2	0,93	2	1,30	2	1,36	2	16,4%
12	Papua N. Guiné	0,98	2	1,30	2	1,27	2	1,01	2	1,03	2	–1,6%
13	Quênia	1,16	2	0,82	2	1,07	2	1,15	2	0,98	2	0,1%
14	Indonésia	0,54	1	0,60	1	0,63	1	0,62	1	0,62	1	2,9%
Subtotal		49,59	94	49,11	93	54,24	95	53,14	94	53,88	95	2,4%
Outros		3,36	6	3,52	7	3,04	5	3,19	6	3,12	5	–2,5%
Total geral		52,94	100	52,64	100	57,28	100	56,33	100	56,99	100	2,2%

Fonte: International Coffee Organization (ICO).

Tabela 2A

Exportações mundiais de café robusta (em milhões de sacas)

	1997	%	1998	%	1999	%	2000	%	2001	%
Vietnã	6,10	24	6,37	25	7,43	27	11,19	35	14,14	43
Indonésia	5,45	21	4,96	19	4,48	16	4,60	14	3,82	12
Costa do Marfim	3,01	12	3,89	15	2,55	9	5,79	18	3,52	11
Uganda	3,15	12	2,95	11	3,51	13	2,22	7	2,74	8
Brasil	1,67	6	1,82	7	3,38	12	2,00	6	2,49	8
Índia	1,35	5	2,08	8	2,38	9	2,61	8	2,32	7
Tailândia	1,09	4	0,78	3	0,51	2	0,97	3	1,17	4
Camarões	1,22	5	0,70	3	1,09	4	1,11	3	1,06	3
Equador	0,61	2	0,69	3	0,52	2	0,31	1	0,30	1
Madagascar	0,57	2	0,45	2	0,42	2	0,28	1	0,27	1
Togo	0,31	1	0,17	1	0,27	1	0,28	1	0,19	1
Tanzânia	0,17	1	0,27	1	0,25	1	0,11	0	0,19	1
Congo	0,52	2	0,35	1	0,39	1	0,32	1	0,17	1
Rep. Centro Afr.	0,19	1	0,11	0	0,18	1	0,19	1	0,11	0
Subtotal	25,41	99	25,59	99	27,36	99	31,97	99	32,50	99
Outros	0,33	1	0,31	1	0,27	1	0,21	1	0,20	1
Total geral	25,74	100	25,89	100	27,63	100	32,18	100	32,70	100

Fonte: International Coffee Organization (ICO).

Tabela 3A

Consumo global de café solúvel e maiores consumidores em porcentual

Ano	1990	1995	1997	1998	1999	2000	2001
Global	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Estados Unidos	18,8%	11,6%	10,9%	10,2%	10,0%	9,7%	8,2%
Brasil	2,4%	2,6%	2,9%	3,0%	3,3%	3,5%	3,4%
Japão	13,3%	11,4%	11,2%	11,2%	11,6%	11,4%	11,4%
Reino Unido	11,4%	10,9%	10,6%	10,3%	10,2%	9,9%	10,1%

Fonte: International Coffee Organization (ICO).

MODELO ECONOMÉTRICO – ESPECIFICAÇÕES E RESULTADOS

Foram utilizadas séries de tempo e informação de painel obtidas junto à Abics, OIC, Cecafé, IFS-FMI, Esalq, Aedata, Ipea e Bacen, que foram transformadas de acordo com os objetivos do trabalho.

As variáveis mensais de 1995 a 2004 utilizadas no modelo foram: preços do café verde robusta São Gabriel como ***proxy*** do preço do café ***grinder***; preço e quantidade de café solúvel exportada pelo Brasil para cada país; taxa de câmbio real dólar; preço do café robusta na bolsa de Londres; taxa de juros Selic; variáveis ***dummies*** de ano; variáveis de tipos de café exportados pelo Brasil; além de outras variáveis que foram excluídas do modelo por não se mostrarem estatisticamente significativas.

Estimou-se um modelo de demanda de café solúvel brasileiro no mercado internacional utilizando um modelo de Efeito Fixo por Mínimos Quadrados em Dois Estágios para identificação da função demanda (WOOLDRIDGE, 2002), pois a utilização de informação de preços e quantidades efetivamente negociados num mercado envolve problemas de identificação. A curva de demanda foi identificada utilizando como instrumentos: o custo de produção do café solúvel, avaliado pelo preço do café verde robusta negociado no mercado nacional; e a taxa de juros Selic. Para controlar as diferenças entre os países importadores do café solúvel, utilizou-se a estrutura do modelo de Efeito Fixo.

O modelo estimado é mostrado a seguir. A quantidade demandada de café solúvel, ***qsol***, no tempo ***t*** pelo país ***i*** é a variável endógena explicada: pelo preço vendido, ***psol***, no tempo ***t*** ao país ***i***, que é instrumentado pelo preço do café conillon em ***t***; pela variável diferencial de preços, ***difere***, que é a diferença entre o preço do café verde robusta disponível no mercado interno e o preço do mesmo café no mercado internacional no período ***t***; e as demais variáveis são variáveis binárias de tempo e o erro estocástico, suposto atender às condições de ortogonalidade do modelo.

$$qsol_{ti} = \beta_{0i} + \beta_1 psol_{it} + \beta_2 difere_t + \beta_3 D_t + \varepsilon_{it}$$

Os resultados são mostrados a seguir. Verifica-se que: a variável que mede a diferença de preços do café verde no mercado interno em relação ao disponível no mercado internacional é negativamente relacionada com a quantidade demandada, indicando que quanto maior o diferencial de preços, ou seja,

quanto mais caro o café insumo nacional relativamente ao internacional, menor é a quantidade demandada de café solúvel pelos estrangeiros.

Variável instrumental com objetivo fixo (within) Número de obs = 3810

Grupo de variáveis: country Número de grupos = 145

qsol	Coef.	Erro padrão	z	P>|z|	[95% Intervalo de confiança]	
psol	–6948,944	1948,528	–3,57	0,000	–10767,99	–3129,9
at1	90015,06	17092,73	5,27	0,000	56513,92	123516,2
at2	31246,7	8872,188	3,52	0,000	13857,53	48635,86
difere3	–22,16519	8,663968	–2,56	0,011	–39,14625	–5,184123
_cons	152103	10135,63	15,01	0,000	132237,5	171968,5

Teste F para todos u_i = 0: F(144,3661) = 72,83 Prob > F = 0,0000

Também é possível verificar que, conforme esperado, o preço do café solúvel é negativamente relacionado com a quantidade demandada. As variáveis ***dummies*** dos anos de 1995 e 1996 apresentaram coeficientes positivos e estatisticamente significativos, sugerindo que as vendas foram maiores nesse período. Os efeitos das variações cambiais brasileiras foram incorporados ao preço do café solúvel que está medido em dólares, uma vez que para o demandante estrangeiro o preço relevante é o preço em dólar.